

# A destruição do Colyseu



CROQUIS FEITO  
NA OCCASÃO - 1 DE Fevereiro  
RAPHAE BORNALLOPINHEIRO

A empresa do Colyseu imaginou que o melhor modo de ter enchentes, era especular com o nosso patriotismo, com os actos heroicos dos nossos exploradores em Africa, e com a bandeira portugueza.

Para esse fim inventou uma vergonhosa pantomima, *Os portuguezes em Africa*, — imbecil e odiosa palhaçada, que tinha por fim lisongear e excitar a indignação contra a Inglaterra, a razão de 200 réis por cada lugar de geral, e de 500 réis por cada lugar de cadeira.

Terminada a pantomima, o publico mostrou o seu reconhecimento á empresa, e a sua admiração pela palhaçada — esmigalhando, escavacando tudo.

O nosso desenho mostra o aspecto do Colyseu, meia hora depois de terminada a pantomima. Foi o epilogo, o unico epilogo que a pantomima devia ter, e que mostrou á embaixada marroquina e aos estrangeiros que alli se achavam, que nós, portuguezes, ainda sabemos corrigir os proprios portuguezes, que sem escrupulos de nenhuma especie, ousam especular com os nossos brios e com a bandeira da patria.

E que isto sirva de exemplo a todos quantos por outros modos especulam ou pretendem especular com a honra nacional.

Serão a seu turno implacavelmente . . . escavacados!

## PAMPHLETOS E LIVROS

O patriotismo que sobrou das demonstrações das ruas, veio para os prelos, e *alexandrinisando-se*, deu de si poemetos de grande marca e fogo anti-britânico. São ás chusmas os fascículos, com titulos de colera, verberando a Inglaterra, a quem (conforme o temperamento de quem falla) se vae chamando *fera*, *leopardo*, *ladra*, *escorpião*, *prostituta* e *marujo bebado*. Nos jornaes, os projectos e alvitreos para ferir no peito a fiel alliada, esfervilham como outras tantas ejaculações de rancor avulso, platonico, mal agglutinado, que nem os pensadores fortalecem, aproveitando-o como arma para uma guerra economica e systematica, nem os governos fomentam, como fonte de reorganisação politica e militar. Entre os pamphletos lançados á emotividade publica, destacarei alguns mais violentos, como o do sr. Acacio Antunes (*A BOFETADA INGLEZA, carta a S. M. o rei D. Carlos*)

«... Olha Carlos Primeiro, o Stuart d'Inglaterra!  
Foi por Cromwel deposto, e rolou-lhe por terra  
Ao cutello do algoz a misera cabeça...»

; a *LADRA INGLATERRA*, do sr. Lourenço Marques, que tem rajadas d'arte, em versos tumultuosos

«... Soldados de Gomorrha, ó bandidos do Norte,  
Lobos que uivae ao Luar como feras corruptas,  
Outra coisa não sois que semeadores da Morte,  
O' piratas da lei — filhos de prostitutas!...»

e por cujas trovoadescas imprecações rola a alma d'um patriota sanguiscedento de justiça; a *CARTA AO PITEREIRO JOÃO DOS BULES, por Marques Lourenço*, que dá em humoristico, notações de pandego que não está para se indignar

«... A lucta da vida malã  
Se não ha compensação  
Não se ata nem aesaia...  
Ha horas de ser PIRATA,  
E ha hoas de ser BORBACHÃO.

Nós conhecemos esse ar  
Em tragedias e entremezes,  
Em Tony Grice a pular,  
E em Beresford a enforcar  
Os generaes portuguezes.

Como não temos armadas,  
Nunca assim ninguem o viu  
— As pupillas injectadas  
As faces congestionadas  
Seu filho da... que o pariu!...»

e finalmente o *A'S ARMAS!* do sr. Tito Martins, que mau grado a intenção sympathica do brado, não se pôde dizer que houvesse posto ao serviço da colera do Nun'Alvares, a poesia heroica de Camões

Emfim! Tudo são efficacissimas fórmãs de protesto, quando as dicta um sentimento nobre como este: mas que diria do nosso character o inglez patrio e rasconso, se alguma vez pudesse ler os turbilhões de palavras em que nós affogamos toda a nossa falta de resistencia no odio, e d'intuito pratico na vingança?!



Entre as publicações livreseas do mez findo (já que fallei de livraria, continuo) ennumero a correr o delicado e perspicaz volume de Manuel Gayo, *UM ANNO DE CHRONICA*, que é o jornal d'um espirito lucido, serenamente educado em regimens d'arte e de trabalho, e visionando o seu sonho de vida com uma juventude de poeta e de critico, que não recusa aos seus assumptos a porção de nobreza e de justiça que as coisas e os homens lhe mereçam, sejam quaes forem os nomes a citar.

Direi tambem do *GUSTAVO*, drama em quatro actos, prosa e composição, do sr. Eurico Allen, como d'um trabalho de debutante a quem seria injustica negar alentos, tanto mais não se dispendendo n'elles sombra de favor. O *GUSTAVO* é bem escripto, e se não possui como obra de theatro, a dose de vehemencia que as plateas requerem p'ra se deixarem domar, nem por isso elle deixa de ser a narrativa agradável d'um caso social, romantizado, e a revelação d'uma intelligencia a quem, merê da pouca idade, ninguem tem ainda direito d'exigir obras de folego.

IRWAN.



Vicente Novaes mandou-nos do Minho, o soneto de João Penha que abaixo damos, e em que o mestre sonetista faz tropejar a ironia acerada d'um antigo, na modernissima e resplandecente fórma d'um parnasiano.

# Fi!

Já corre o sangue na injocundá face  
Do prostrado guerreiro do Occidente!  
Mas, d'esse bôjo de Moloch ingente,  
Se a ponta d'um florête o perfurasse,

Só jorraria o liquido de Base,  
Sangue impuro, com fezes d'agua-ardente!  
Venceste. Mas, quem és? Pongo valente,  
Um Caran d'Ache o teu perfil nos trace.

A nossa historia n'um Camões se veja!  
Lê-se a tua no sórdido cadastro  
Dos crimes, que na terra o Mal despeja!

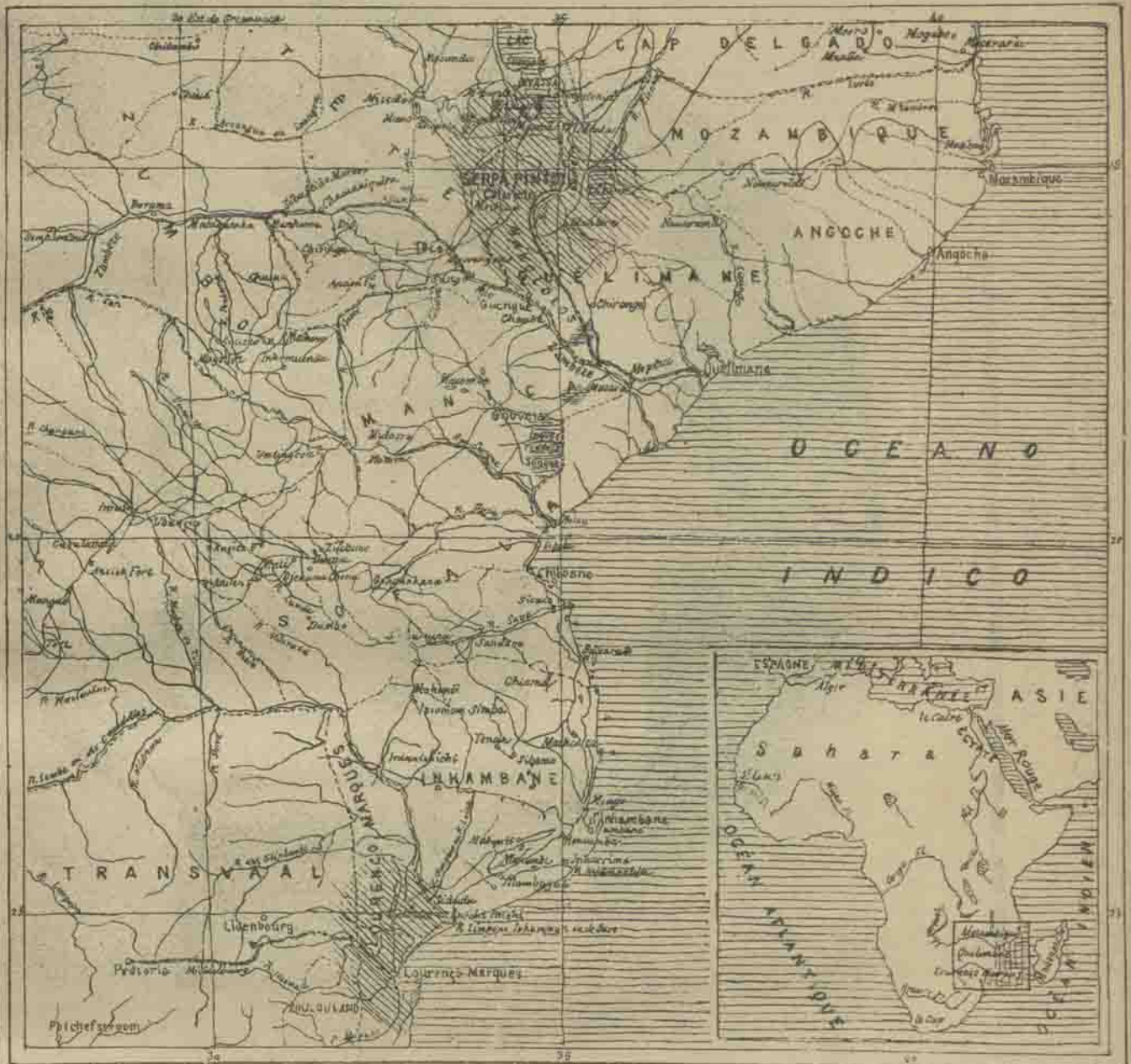
Quem és? A treva; Portugal um astro.  
Passa de largo, oh ôdre de cerveja;  
Nem vales o soneto d'um poetastro!

Braga, 29-1-90.

JOÃO PENHA.



# A Africa portugueza



Parece-nos que o principal dever da imprensa portugueza é mostrar ao publico o que é a Africa, qual a posição occupada por Portugal tanto na costa oriental como na occidental, e quaes as regiões que os infames inglezes, e até os srs. allemães, nos estão cubiçando.

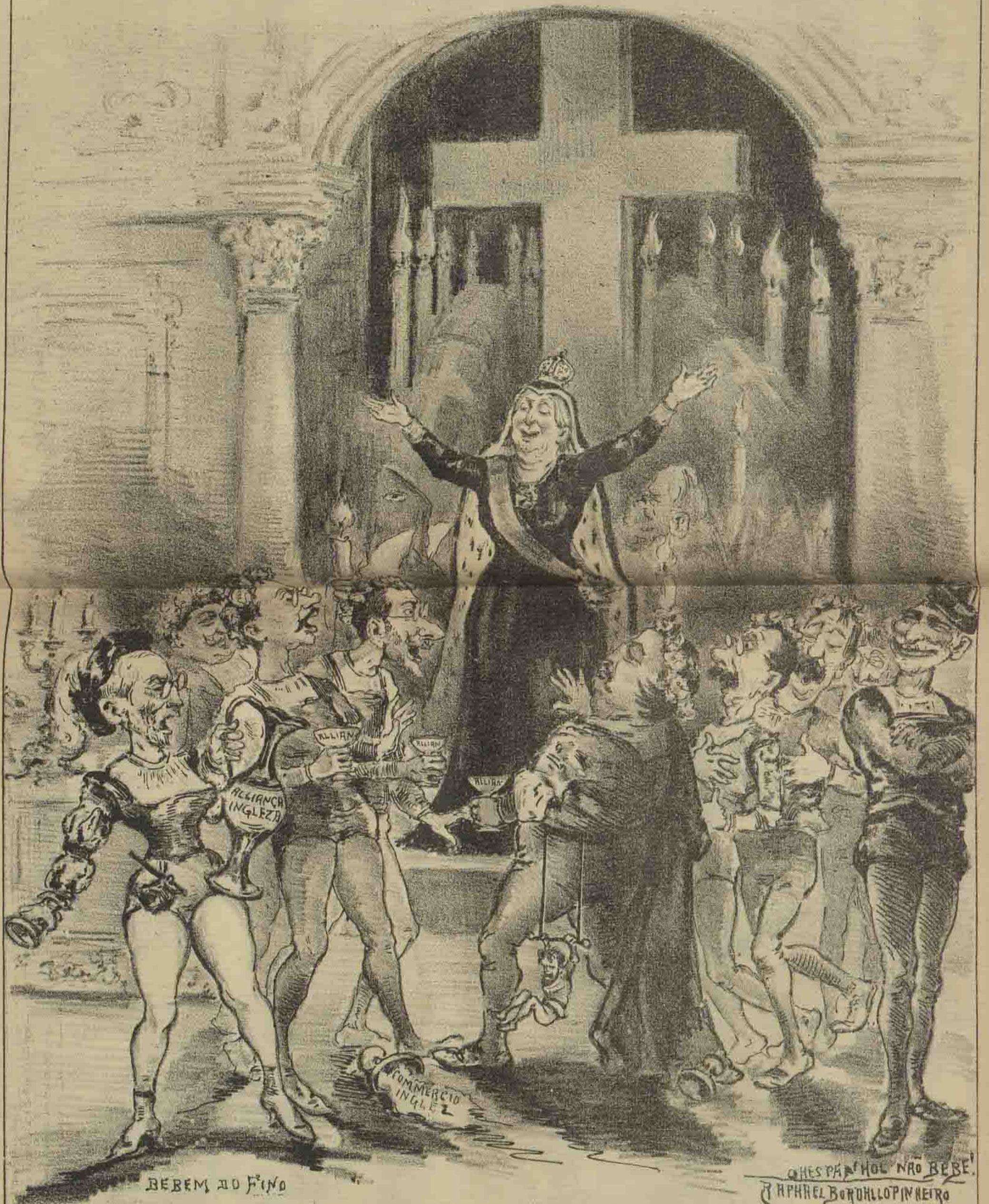
O mappa que reproduzimos é uma redução do mappa official da Africa oriental, de que se servem os delegados portuguezes no congresso anti-esclavagista de Bruxellas.

As partes tracejadas representam os territorios do Chire, onde se achava a missão do grande e corajoso Serpa Pinto,—e o porto de Lourenço Marques, a chave de todo o commercio com o Transwal, que a Inglaterra e a Allemanha tanto cubiçam.

Os territorios que a Inglaterra nos quer roubar, e onde os inglezes se querem estabelecer, chamam-se a *Mashonoland*. Se esse desgraçado facto se der, propomos á Sociedade de Geographia que nos seus mappas d' Africa, passe a chamar a essas regiões a

*Malandroland*

A NOSSA FIEL ALLIADA  
LUCRECIA BORGIA  
GRANDE SCENA FINAL

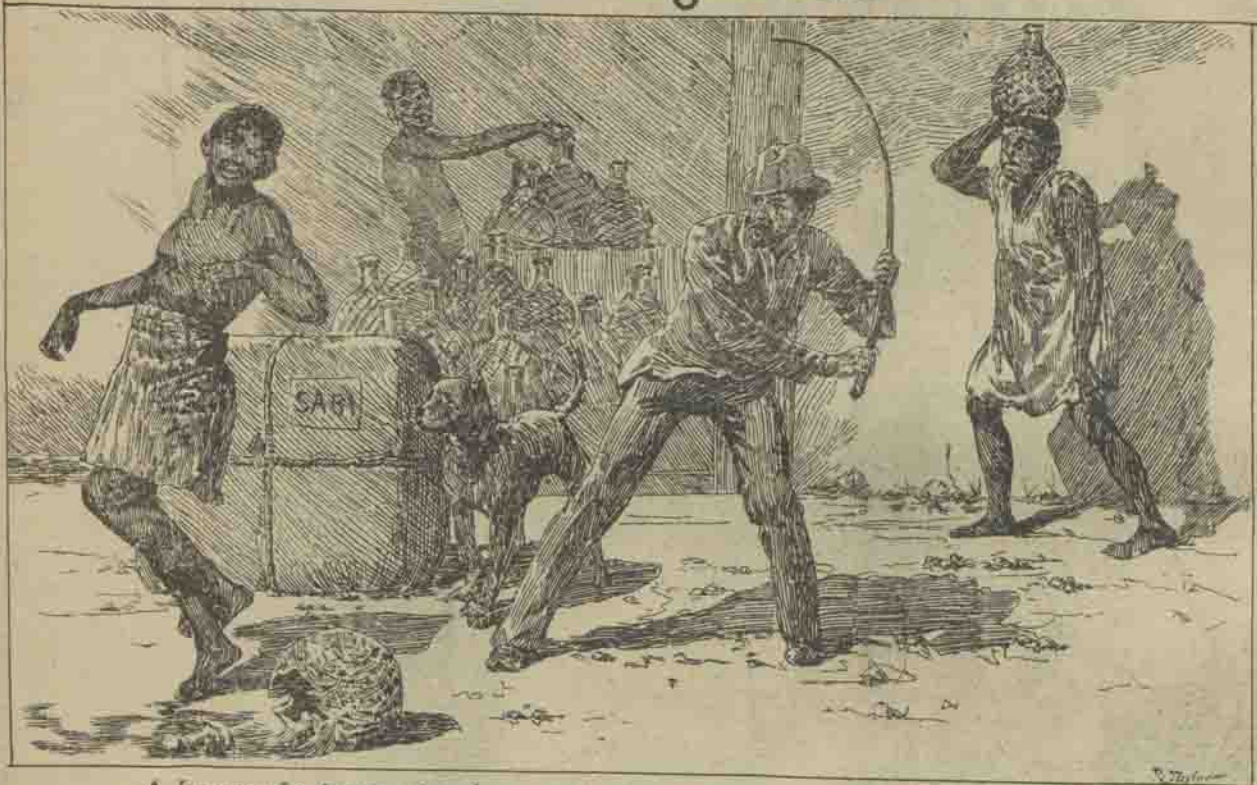


BEBEM AO FIM

QUEM PÁ' HOJE NÃO BEBE!  
RAPHHEL BORDOLUPIN NETTO

ESTAES TODOS ENVENENADOS!

## A altiva Inglaterra



A ILUSTRAÇÃO INGLEZA, jornal austero, enceta contra nós uma guerra de gravura, de que damos specimen com a reprodução do desenho supra. Ahí se representa um fazendeiro portuguez, chicoteando um negro que acaba de lhe partir um garraffão, e que valha a verdade, não parece grandemente endolorido, o mariola, porque leva chicotadas, e ri-se!

SUPPLEMENT GIVEN AWAY WITH THE WEEKLY FREEMAN 28TH JANUARY 1890



TO BE, OR NOT TO BE? THAT IS THE QUESTION.

(A nossa traducção d'isto é a seguinte: ) — SER LARAPIO OU NÃO SER, EIS A QUESTÃO!

Toda a Europa comprehende, por fortuna nossa, que não foi á chicotada que nós conquistámos o preto, mesmo ha dois seculos, e ao mesmo tempo registra, pelas narrações dos exploradores africanos de França, d'Allemanha e d'Inglaterra, os actos de selvageria infame de que os pobres indigenas são victimas por banda do inglez, quer seja missionario, quer seja bispo, que seja *commun-voyageur*. Esses calumniadores que civilisam o preto com opio e carabinas Sydney, com algemas e aguardente, deviam reduzir-se a um silencio prudente, e não ajuntar á sua reputação de larapios, hoje lendaria, um cynismo que não tem precedentes no caracter de povo algum do mundo.



EM CLAVELAND-STREET

# A reforma dos generaes

(PARA SER CANTADO COM A MUSICA DO CORO DOS VELHOS, DO FAUSTO)



Qual de nós mais velho e mais rombo,  
Qual mais o lombo,  
Debil coreove,  
Em voz baixa aqui confessemos  
Que já fizemos  
Sessenta e nove...

E' certo pois que estas cátnas  
Andam badanas,  
Dobrando as folhas...  
Qual de vós, assim, todo inteiró,  
E' Saca... Arneiro  
E' Saca... Rolhas!

*Paulo de Carvalho*

# Escova d'honra



A quem, das guerras na lida,  
Seu bom nome não deshonra,  
Usa a patria agradecida  
Off'recer espadas d'honra.

D'est'arte, deve o Barjona  
Fazer-nos gastar dinheiros  
— Se se houver á valentona  
Lá na terra dos gaiteiros.

N'este empenho pois, em summa,  
Ajuntae-vos vós, ó gentes,  
Cotizae-vos e dae-lhe uma.  
Escova d'honra — e de dentes.

Recebemos..... 100 réis  
Está portanto fechada a subscrição.

## NO QUE O GOVERNO PENSA N'ESTE MOMENTO HISTORICO AS ELEIÇÕES



Como poderei fazer vir o nosso amigo Oliveira Mattos?



Quem poderei fazer vir pelo Fundão?



Os meus estão todos arrumadinhos: por isso eu raspo-me.

## Um assucareiro inglez



- Quanto a isso descança, meu caro Zé.  
Fui dos primeiros a jurar que não compraria mais um vintem d'assucar á Inglaterra: jurei e hei-de cumpril-o!
- Mas o carregamento d'assucar que v. s.<sup>a</sup> acaba de fazer...
- Era inglez, convenio. Mas eu misturei-lhe farinha... e assim ficou naturalisado portuguez.